

Fatores referentes à baixa adesão ao exame citopatológico do colo do útero em uma cidade do noroeste paulista

Factors related to the low adherence to uterine cervix cytopathological examination in a city in northwestern São Paulo

DOI:10.34117/bjdv8n2-409

Recebimento dos originais: 20/01/2022

Aceitação para publicação: 24/02/2022

Flávia Delgado de Moraes Salles

Graduanda de Medicina

Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP

Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP

CEP: 16016-500

E-mail: flavinhadms@hotmail.com

Luísa Augusto Melhado

Graduanda de Medicina

Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP

Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP

CEP: 16016-500

E-mail: luisamelhado@icloud.com

Luísa Elias Pereira

Graduanda de Medicina

Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP

Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP

CEP: 16016-500

E-mail: luisa_elias@hotmail.com

Giovana Santos de Camargo

Graduanda de Medicina

Instituição: Centro universitário Claretiano - Centro universitário de Rio Claro - SP

Endereço: Avenida Santo Antônio Maria Claret, av cidade Claret, 1724, Rio Claro SP

CEP: 13503-257

E-mail: gicamargoo@outlook.com

Larissa Martins Melo

Doutora em Ciência Animal com foco em Imunologia pela Universidade Estadual Paulista

Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP

Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP

CEP: 16016-500

E-mail: lala_mmelo@yahoo.com.br

Natalia Felix Negreiros

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos
Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP
Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP
CEP: 16016-500

E-mail: natalianegreiros_med@unisalesiano.com.br

Fernanda Maria Veanholi Vechiato

Doutora em Fisiologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FMRP-USP

Instituição: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Araçatuba SP
Endereço: Rodovia Senador Teotônio Vilela, 3821, Alvorada, Araçatuba SP
CEP: 16016-500

E-mail: fer.vechiato@gmail.com

RESUMO

O exame citopatológico do colo do útero é um método de rastreamento de lesões precursoras e dediaagnóstico precoce do câncer do colo do útero, sendo sua realização preconizada para mulheres na faixa etária de 25 a 64 anos. No entanto, em um município do noroeste paulista, a cobertura se encontra abaixo da meta estabelecida pelo Ministério da Saúde. Não há na literatura um consenso sobre os motivos da baixa procura ao exame. Desta forma, o objetivo da pesquisa é compreender os aspectos que englobam a não adesão ao exame citopatológico do colo doútero em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de uma cidade do noroeste paulista. Trata-se de uma pesquisa de campo, quantitativa analítica, com delineamento transversal. Realizada por meio de um questionário semiestruturado adaptado da literatura, aplicado nas mulheres da faixa etária preconizada adscritas em uma UBS do noroeste paulista, que apresentavam exame citopatológico do colo do útero em atraso por pelo menos um ano. Os motivos mais prevalentes relatados para não realização do exame foram: não soube informar (37,84%) e estava bem de saúde (22,97%). Já para não repetição, falta de tempo (28,95%), dor (14,47%) e pandemia da Covid-19 (14,47%) lideraram as respostas. Houve correlação ($p < 0,0001$) entre reconhecer a importância do exame e o grau de escolaridade das entrevistadas, sendo as que possuíam maior compreensão eram mulheres com ensino médio completo. Sabendo os motivos da não adesão os profissionais e gestores de saúde podem melhorar a cobertura e qualidade da assistência prestada.

Palavras-chave: exame citopatológico, câncer do colo do útero, baixa adesão.

ABSTRACT

The uterine cervix cytopathological examination is a method of screening for precursor lesions and early diagnosis of cervical cancer, whose application is recommended for women aged 25 to 64 years. However, in a municipality in northwestern São Paulo State, the coverage for this examination is below the target established by the Ministry of Health. The literature does not come up with a consensus about the reasons for the low demand for the exam. Thus, the aim of this work is to understand the aspects that encompass the non-adherence to uterine cervix cytopathological examination in a Basic Health Unit in a town in northwestern São Paulo. This is a quantitative analytical field paper with a cross-sectional design. It was carried out through a semi-structured questionnaire adapted from the literature, applied to women of the recommended age

group enrolled in a Basic Health Unit in northwestern São Paulo, who had been delaying their uterine cervix cytopathological examination for at least one year. The most prevalent reasons reported for not performing the exam were: She did not know the reason (37.84%) and she was healthy (22.97%). Reasons for not repeating the exam, lack of time (28.95%), pain (14.47%), and the Covid-19 pandemic (14.47%) led the answers. There was a correlation ($p < 0.0001$) between recognizing the importance of the exam and the interviewees' level of education; the ones who had a greater understanding were those with complete high school education. By knowing the reasons for non-adherence, health professionals and managers can improve the coverage and quality of care.

Keywords: cytopathological examination, cervical cancer, low adherence.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a introdução da citologia e da colposcopia, que ocorreu em meados de 1940, marcou o início de medidas preventivas a partir da realização do exame citopatológico de colo uterino; método de rastreamento capaz de identificar lesões pré-neoplásicas as quais, quando tratadas, evitam a progressão para um câncer na maior parte dos casos (BRASIL, 2016). Tal fator, aliado com uma cobertura adequada da população-alvo, diagnóstico específico por meio da biópsia e tratamento, diminui a incidência do câncer do colo do útero (CCU) invasivo em 60 a 90% dos casos (WHO, 2002). Entretanto, apesar dos avanços adquiridos pela medicina com o decorrer dos anos e da criação de programa e estratégias que objetivam reduzir a incidência dos casos, esta neoplasia se mantém como problema de saúde pública nos dias atuais (BRASIL, 2019).

Apresentando uma incidência de aproximadamente 570 mil novos casos por ano no mundo, o câncer do colo do útero é responsável por 311 mil óbitos por ano e ocupa a quarta posição de causa de morte em mulheres devido ao câncer a nível mundial (WHO, 2018). No Brasil, excluindo os tumores de pele não melanoma, ocupa a terceira posição de localização primária no que se refere à incidência e mortalidade (INCA, 2020a). Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer do colo do útero é a quarta neoplasia mais comum entre as mulheres brasileiras (INCA, 2019). Seu pico de incidência ocorre entre os 45 e 50 anos de idade, tendo a mortalidade aumentada progressivamente a partir da quarta década de vida (INCA, 2020a). As estimativas para o ano de 2020 são de 16.590 casos novos, com risco estimado de 12,6 casos a cada 100 mil mulheres (INCA, 2020a).

Desta forma, a fim de reduzir a incidência e a mortalidade do câncer do colo de útero, medidas de rastreamento e detecção precoce foram estabelecidas em todo território

nacional, sendo garantido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2013a), que o exame preventivo seja realizado em mulheres com idade entre 25 a 64 anos e que possuam ou possuíram vida sexual ativa (BRASIL, 2016). É recomendado que os dois exames iniciais sejam realizados com intervalo anual e, quando ambos os resultados forem negativos, recomenda-se a realização dos próximos exames a cada três anos (BRASIL, 2016).

Ainda segundo o Ministério da Saúde (MS), é de responsabilidade da atenção primária à saúde a realização de busca ativa em mulheres com idade indicada para o exame, bem como rastreamento, monitoramento e seguimento terapêutico nas situações em que o exame citopatológico do colo do útero tenha resultado alterado (BRASIL, 2013a). Para que esses passos aconteçam, é necessário que a equipe tenha conhecimento e responsabilidade sobre a população adscrita em seu território (BRASIL, 2017), para isto devem manter os prontuários atualizados na Unidade Básica de Saúde (UBS) que realiza o atendimento, em especial no que tange aos dados referentes à adesão ao exame, pois através deles será possível estimar a cobertura e assim, traçar estratégias, tais como realização de campanhas ou ampliações de horário de funcionamento, que se farão necessárias para cumprir-se a meta estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de 80% de cobertura (WHO, 2002).

Apesar das recomendações e programas específicos, tais como a campanha do Outubro Rosa, que recentemente adicionou a prevenção do câncer do colo do útero juntamente com a campanha de vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV), apontado como uma das possíveis causas para o câncer cérvico-uterino (BOSCH et al., 2002); pode se constatar que permanece ainda uma cobertura defasada.

Segundo dados apontados pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), em 2013, foi evidenciado um baixo alcance da realização do exame citopatológico no Brasil, apenas 79,4% da população alvo (IBGE, 2015), indicando que a cobertura continua abaixo do valor estabelecido pela OMS e distante da estimativa prevista para 2022 de 85% (MALTA; SILVA JR, 2013). Por meio de dados obtidos do Tabnet – SES, secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, nota-se no ano de 2018 que a cobertura do exame foi similar à encontrada na região do Departamento Regional de Saúde - DRS II que contempla 40 municípios dentre eles Araçatuba, município no qual a pesquisa foi realizada; atingindo valores médios de 74,8%. No entanto, mostra-se alarmante quando comparado ao município de Araçatuba isoladamente no qual atinge uma razão de apenas 64% (SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A literatura tem apontado diversos fatores associados a não adesão ao exame citopatológico no Brasil. Estudos realizados por meio da aplicação de questionários em UBS com mulheres em diferentes faixas etárias, variando de 18 a 65 anos, e localidades tais como Londrina (SILVA et al., 2015), Pernambuco (SILVA et al., 2016) e Itaporanga (SILVA et al., 2018) apontaram dentre os fatores: vergonha ou medo da realização do exame, baixos níveis de escolaridade, dificuldade de acesso à UBS, multiplicidade de parceiro sexual, condições socioeconômicas precárias e orientação inadequada do profissional de saúde. Porém ainda se nota não haver um consenso acerca dos motivos que justifiquem a não realização do exame.

Considerando o exposto referente à alta incidência e mortalidade por câncer do colo do útero somado ao fato de a cobertura do exame preventivo na população-alvo do município estudado estar abaixo do almejado, e ainda a falta de consenso na literatura acerca dos motivos que expliquem tais achados, o presente estudo tem por objetivo compreender os aspectos que englobam a baixa adesão ao exame citopatológico do colo do útero em uma Unidade Básica de Saúde em uma cidade do noroeste paulista. Especificando, assim, os motivos pelos quais as mulheres de 25 a 64 anos nunca terem realizado este exame e/ou as mulheres na mesma faixa etária estarem em atraso por pelo menos um ano além de correlacionar os motivos da não realização deste exame às características sociodemográficas das mulheres participantes da pesquisa.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, observacional, aplicada, de caráter exploratório, de abordagem quantitativa analítica, com delineamento transversal.

Foram incluídas neste estudo 66 mulheres entre 25 a 64 anos de idade, que nunca realizaram o exame citopatológico do colo do útero e/ou as mulheres na mesma faixa etária que estavam em atraso por pelo menos um ano, adscritas na Unidade Básica de Saúde (UBS) Dr. Augusto Simpliciano Barbosa localizada na cidade de Araçatuba no interior do estado de São Paulo, e ainda que aceitassem participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A população foi escolhida pela própria equipe da UBS através de uma seleção aleatória dos prontuários sendo incluída ao menos duas mulheres de cada microárea do território da UBS pesquisada, desde que contemplasse a idade preconizada pelo MS e que atendesse aos critérios de inclusão supracitados.

Foram excluídas mulheres que não aceitaram participar da pesquisa por não assinarem o TCLE, ou ainda mulheres não adscritas na UBS pesquisada ou as que se encontravam fora da faixa etária definida, ou seja, menores de 25 ou maiores de 64 anos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Salesiano Auxilium juntamente com o TCLE, sob o número de protocolo 4.477.391 e autorizado pela instituição vinculada à Secretaria Municipal de Saúde de Araçatuba. A coleta de dados foi feita apenas após a aprovação do CEP entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021.

A pesquisa foi realizada de forma presencial na residência das entrevistadas, atentando-se para os cuidados referentes à pandemia do coronavírus, como uso de álcool 70% pela pesquisadora e ofertada às participantes, uso de máscara e distanciamento social.

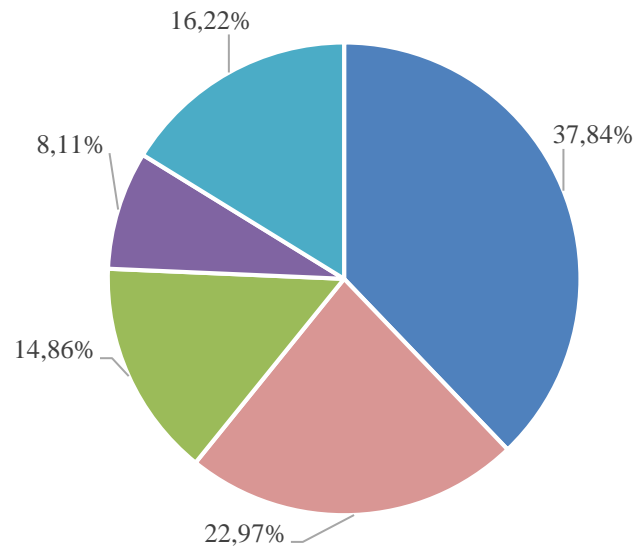
Foi aplicado um questionário semiestruturado adaptado de Andrade et al. (2014) e Silva et al. (2016), no qual foram investigados os fatores ligados ao conhecimento e não adesão ao exame citopatológico do colo do útero, o perfil sociodemográfico e os antecedentes ginecológicos das participantes. Para as participantes analfabetas ou que desejaram, a pesquisadora realizou a entrevista estruturada, em vez de apenas entregar o questionário para preenchimento.

As variáveis do estudo foram apresentadas na forma de gráficos utilizando análise percentual simples para os dados descritivos. A fim de estabelecer correlações entre as variáveis e assim compreender melhor os motivos da não adesão ao exame, foi realizado análise estatística utilizando-se o teste qui-quadrado e o teste G de independência, quando os dados não corresponderam aos critérios do primeiro teste, no qual se correlacionou o perfil sociodemográfico e os antecedentes ginecológicos à presença ou ausência de motivos para não realização e/ou não repetição do exame citopatológico do colo do útero. Para verificar a correlação entre a compreensão sobre a importância do exame citopatológico e o grau de escolaridade das mulheres entrevistadas foi realizado o teste qui-quadrado de aderência. Para as análises estatísticas utilizou-se o programa Biostat 5.3 assumindo o nível de significância de 95% (AYRES et al., 2007).

3 RESULTADOS

Figura 1. Motivos indicados pelas mulheres para a não realização do exame citopatológico do colo do útero, dados coletados entre os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2021 em um município do estado de São Paulo.

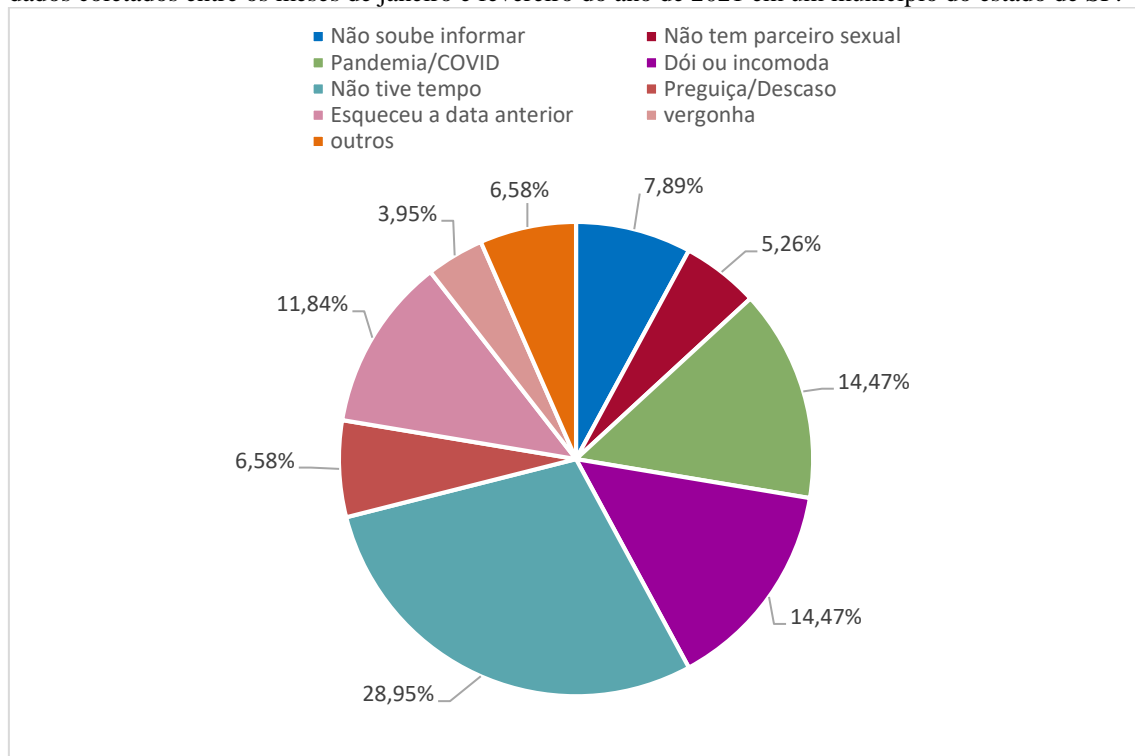
- Não sabe informar
- Estava bem de saúde
- Vergonha ou medo da realização do exame
- Pandemia/COVID
- Outros



Fonte: Autoras (2021)

De acordo com a figura 1, diferentes motivos foram apontados para a não adesão ao exame citopatológico do colo do útero pelas participantes da pesquisa, dentre eles observam-se que 37,84% das mulheres não souberam informar a razão da não realização do exame. Também foi citado o fato de sentirem que sua saúde estava bem (22,97%), vergonha ou medo da realização do exame (14,86%), pandemia da COVID-19 (8,11%) e outros fatores (16,22%), tais como não confiar no profissional ou serviço de saúde, vergonha da perda da virgindade, limitação locomotora e realização do exame por profissional não-médico.

Figura 2. Motivos indicado pelas mulheres para não repetição do exame citopatológico do colo do útero, dados coletados entre os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2021 em um município do estado de SP.

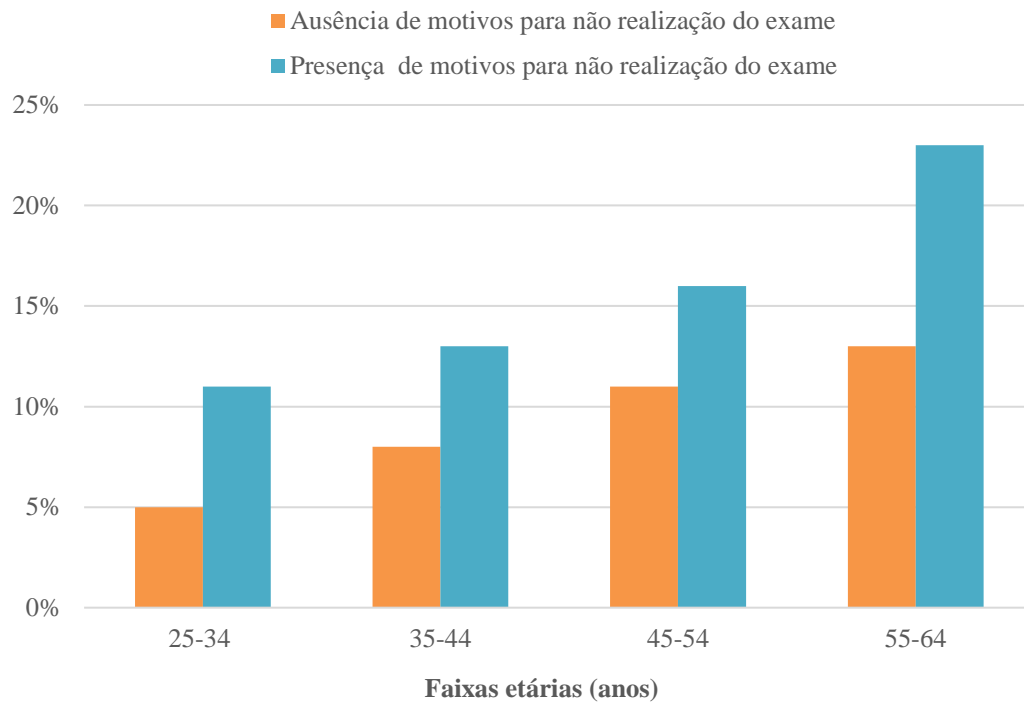


Fonte: Autoras (2021)

Com relação aos motivos para a não repetição do exame pelas participantes que já haviam realizado o exame citopatológico do colo do útero anteriormente, destacam-se os resultados apresentados na figura 2: falta de tempo (28,95%), ter tido dor ou incômodo no exame anterior ou ainda, para evitar o serviço de saúde devido à pandemia do COVID-19 (14,47%), ter esquecido a data anterior (11,85%), não souberam informar o motivo (7,89%), preguiça ou descaso (6,58%), não ter parceiro sexual (5,26%), vergonha do procedimento (3,95%) e outros (6,58%), tais como: realização do exame por profissional não-médico, se consideravam bem de saúde e alegaram não recebimento dos resultados dos exames anteriores.

A fim de compreender os fatores que poderiam elucidar a não realização e/ou a não repetição do exame citopatológico do colo do útero, foram realizados testes de correlações com o perfil socioeconômico ou com a história de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) das mulheres participantes da pesquisa.

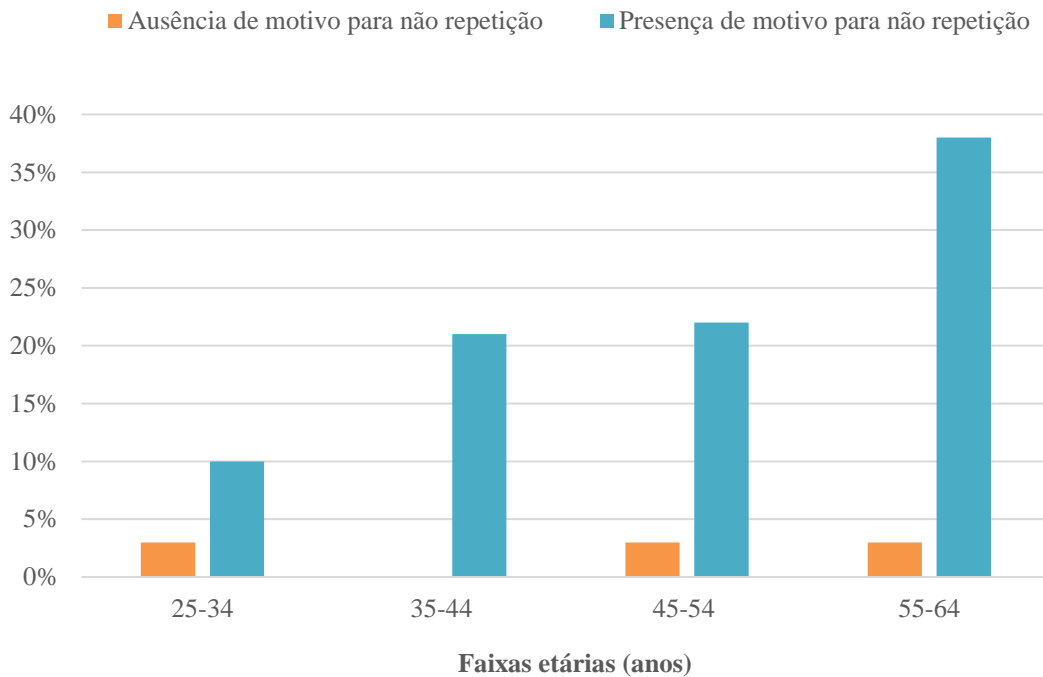
Figura 3. Correlação entre a faixa etária das mulheres e a presença ou não de motivos para a não realização do exame citopatológico do colo do útero, dados obtidos entre os meses de janeiro e fevereiro no ano de 2021 em um município do estado de SP, teste qui-quadrado ($p=0,9786$).



Fonte: Autoras (2021)

Observou-se que a maior parte das mulheres que apresentaram algum motivo para a não realização do exame citopatológico do colo do útero encontravam-se na faixa etária de 55 a 64 anos (22,67%) (Figura 3). No entanto, não houve significância estatística entre as faixas etárias quando correlacionada com a presença ou não de motivos para não realização do exame ($p=0,9786$), sugerindo ser um fato independentemente da idade.

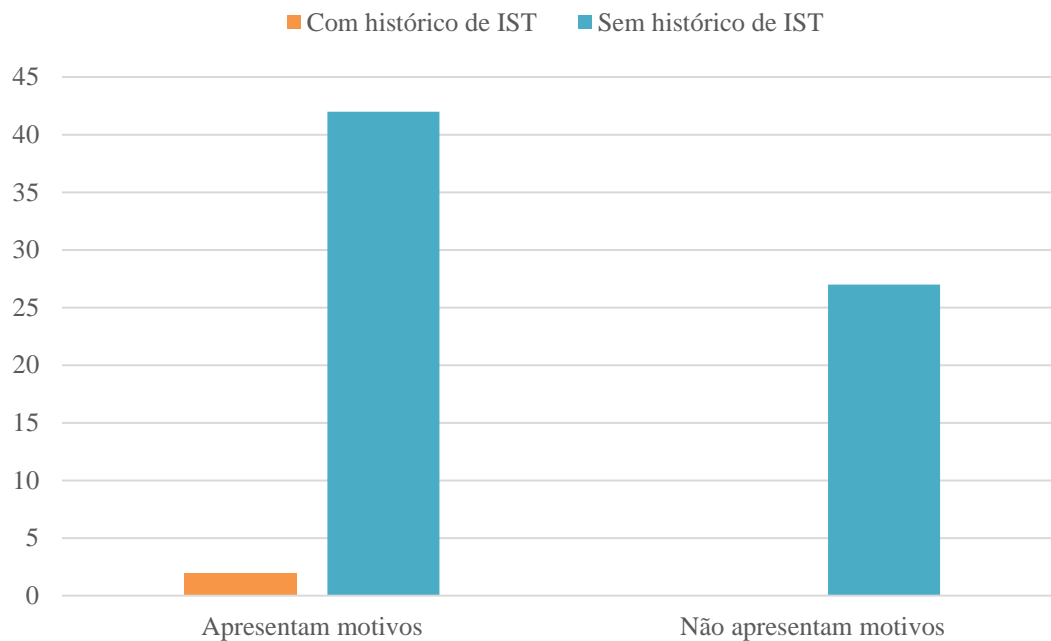
Figura 4. Correlação entre a faixa etária das mulheres e a presença ou não de motivos para a não repetição do exame citopatológico do colo do útero, dados obtidos entre os meses de janeiro e fevereiro no ano de 2021 em um município do estado de SP, teste G de independência ($p=0,1258$).



Fonte: Autoras (2021)

Nota-se na figura 4 que a maior parte das mulheres que apresentaram algum motivo para a não repetição do exame citopatológico do colo do útero também se encontravam na faixa etária de 55 a 64 anos (38%). Contudo, similarmente ao resultado obtido anteriormente, não houve correlação estatística entre a faixa etária das mulheres e a presença ou não de motivos para a não repetição do exame citopatológico de colo de útero ($p = 0,1258$) demonstrando serem fatores independentes.

Figura 5. Correlação entre o histórico de IST das mulheres e a presença ou não de motivos para a não realização do exame citopatológico do colo do útero em números absolutos, dados obtidos entre os meses de janeiro e fevereiro no ano de 2021 em um município do estado de SP, teste G de independência ($p=0,1627$).

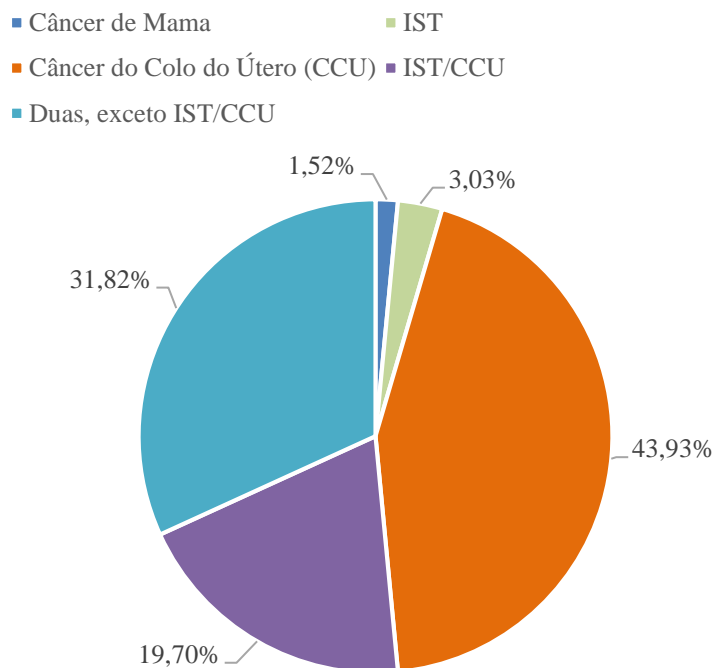


Fonte: Autoras (2021)

Na figura 5 nota-se que a maioria das mulheres entrevistadas que apresentavam motivos para a não realização do exame não tinham histórico de IST. Ao analisar-se a correlação entre as variáveis apresentadas, observou-se que apresentar ou não motivos para não realização do exame independe da história de IST nas mulheres entrevistadas ($p=0,1627$).

Todas as mulheres entrevistadas responderam no questionário que conheciam o exame citopatológico do colo do útero, e que o consideravam importante (dados não apresentados). No entanto, quando assinalaram a finalidade do exame, para justificar sua importância na prevenção de doenças; notou-se discrepância entre estas informações, tal como demonstrado na figura 6.

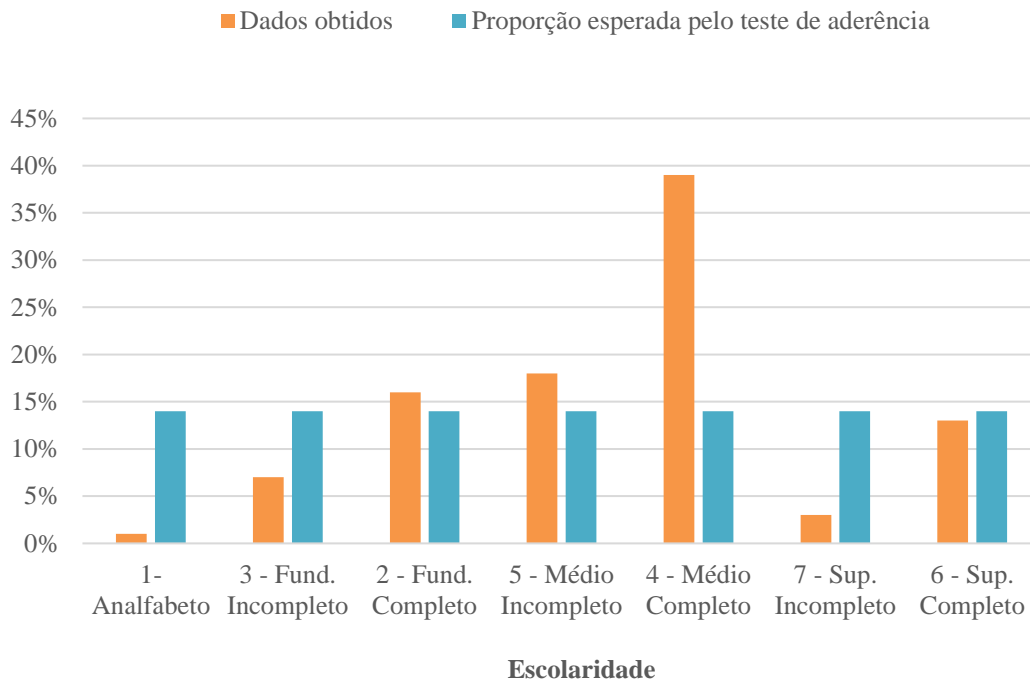
Figura 6. Importância do exame citopatológico do colo do útero indicado pelas mulheres na prevenção de doenças, dados coletados entre os meses de janeiro e fevereiro no ano de 2021 em um do município do estado de SP.



Fonte: Autoras (2021)

A figura 6 ilustra as respostas assinaladas pelas mulheres de acordo com o que elas acreditavam ser a finalidade do exame citopatológico do colo do útero na prevenção de doenças. Nota-se que a maioria (43,93%) conhecia de fato a finalidade e importância do exame por responder corretamente que seria a prevenção do câncer do colo do útero. Ressalta-se ainda que (19,70%) tinham conhecimento de que além da prevenção deste câncer o exame também era capaz de detectar alterações causadas por IST, no caso o HPV. Uma minoria das mulheres (3,03%) acreditava que o exame rastreava apenas ISTs, outra parcela das entrevistadas (1,52%), supunha que a importância do exame era voltada para a detecção do câncer de mama e uma quantidade considerável das mulheres (31,82%) escolheram outras duas opções, que não IST e câncer do colo do útero.

Figura 7. Correlação entre a compreensão sobre a importância do exame citopatológico do colo do útero e o grau de escolaridade das mulheres, dados obtidos entre os meses de janeiro e fevereiro no ano de 2021 em um município do estado de SP, teste qui-quadrado de aderência ($p < 0,0001$).



Fonte: Autoras (2021)

Na figura 7 observa-se que as mulheres entrevistadas que mais compreendiam a importância do exame citopatológico do colo do útero tinham o ensino médio completo (39%), já as que menos compreendiam sua importância eram analfabetas (1%). Ao analisar-se a correlação entre as variáveis apresentadas, observou-se que a compreensão sobre a importância do exame citopatológico dependente da escolaridade ($p < 0,0001$).

4 DISCUSSÃO

Conforme supracitado, o câncer do colo do útero permanece sendo uma neoplasia prevalente na população brasileira, com seu pico de incidência em mulheres entre 45 e 50 anos (INCA, 2020a) podendo ser rastreado precocemente pelo exame citopatológico do colo do útero (WHO, 2002), porém a cobertura não está de acordo com o almejado pela OMS, 80%, chegando em municípios do noroeste paulista em apenas 64% (SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020). Visto a necessidade de ampliar a cobertura para atingir tal objetivo, é fundamental o conhecimento dos motivos que estão prejudicando a adesão ao exame, já que ainda há controversas na literatura vigente sobre estas razões.

Segundo os dados encontrados nesta pesquisa, a resposta que ganhou destaque sobre os motivos para não realização do exame citopatológico do colo do útero foi a das mulheres não saberem informar o verdadeiro motivo para não realização do exame, o que dificulta traçar estratégias para ampliar a abrangência do rastreio e desta forma, a cobertura do exame. Mesmo não sendo possível detectar a real razão da não realização do exame citopatológico do colo do útero, existe ainda uma baixa adesão, fato este encontrado também por Davim et al. (2005) no município de Natal/RN. Assim, fica evidente a necessidade das equipes de saúde atuantes na UBS tentarem assertivamente obter informações com as mulheres sobre os reais motivos para a não adesão ao exame. Neste aspecto deve-se buscar fortalecer o vínculo entre equipe e usuárias e propor espaços nos quais estas mulheres se sintam acolhidas e confiantes para abertamente se expressarem e elucidarem possíveis dúvidas através da educação em saúde como proposto por Cardoso et al. (2020). Tal dado também sugere falta de autocuidado e descomprometimento uma vez que as mulheres demonstram não ter preocupação em estar com o exame atrasado, e desta forma, não sabem informar o motivo para não realizá-lo. O segundo fator de maior prevalência encontrado na pesquisa foi o fato delas não realizarem o exame por acreditarem estar bem de saúde, demonstrando o pouco conhecimento da população acerca da importância do exame e contrariando o preconizado pelo Ministério da Saúde que recomenda a realização independente de sintomas (BRASIL, 2016). Fortalecendo a ideia levantada sobre a necessidade de maior aproximação entre atenção primária à saúde e usuárias, o estudo encontrou como um dos motivos apontados a vergonha ou o medo de realizar o exame, revelando assim a necessidade da introdução de campanhas e um aumento do vínculo de confiança com a equipe de Estratégia Saúde da Família (ESF), equipe esta prioritária da atenção básica (BRASIL, 2017) para superar essas dificuldades, como também sugerido por Silva et al. (2015). Ademais, apesar da situação atual, poucas mulheres relataram a pandemia pela COVID-19 como um fator de impedimento, o que contraria trabalhos que evidenciaram a pandemia como um dos motivos de diminuição da procura pelos serviços de saúde por medo de contrair o novo coronavírus (LAUZ et al, 2021).

A partir dos resultados descritos acima, fica evidente o pouco conhecimento sobre a importância do exame citopatológico do colo do útero pelas mulheres pesquisadas, apesar de todas as mulheres afirmarem inicialmente que conheciam o exame e o consideravam importante. Soma-se a isto os dados obtidos nos quais a maioria das mulheres acreditavam que o exame detectava apenas câncer do colo do útero,

desconhecendo outro objetivo do exame que é detectar lesões precursoras causadas pelo HPV (BRASIL, 2016). Outra resposta assinalada pelas mulheres entrevistadas foi a prevenção do câncer de mama evidenciando assim a necessidade de campanhas educativas sobre as finalidades do exame citopatológico do colo do útero. Tais achados ressaltam a importância de sempre validar as informações fornecidas pelos profissionais de saúde para com os usuários, uma vez que as respostas quanto a finalidade do exame citopatológico do colo do útero denotou desconhecimento da população de uma temática que extensivamente é trabalhada na campanha do outubro rosa (SCHRÖDER et al., 2018).

Com relação as mulheres que já haviam realizado o exame anteriormente, observou-se que apesar da pandemia da COVID-19 ter impactado na saúde em geral, não foi o fator principal para não repetição do exame citopatológico do colo do útero, demonstrando assim, que para as usuárias, houveram fatores mais relevantes do que a pandemia. O motivo de maior prevalência foi a falta de tempo, evidenciando que a sobrecarga da rotina familiar e laboral podem tornar as mulheres negligentes à sua própria saúde como mencionado na pesquisa de Nascimento et al. (2014).

De acordo com Oliveira et al. (2006) o risco de não ter realizado o exame foi mais evidente quanto menor era a idade da mulher. No entanto, nessa cidade do interior paulista, a faixa etária foi um fator irrelevante tanto para a não realização quanto para a não repetição do exame, revelando ser um desafio que atinge todas as idades, e desta forma, deve-se haver empenho para melhorar a adesão das mulheres ao exame em todas as faixas etárias compreendidas dos 25 aos 64 anos, não tendo nenhuma faixa etária que dispenda atenção especial.

Sabe-se que as IST ampliam a possibilidade de as mulheres serem expostas ao HPV que é associado à neoplasia cervical em 99,7% dos casos (NAKAGAWA et al., 2010). Entretanto, no presente estudo, o histórico de IST não influenciou nos motivos para não realização do exame, podendo ser justificado pela baixa proporção de mulheres que apresentaram previamente alguma IST. Outro aspecto possível a partir deste resultado é a falta de conhecimento sobre a correlação entre o HPV e o câncer do colo do útero, como demonstrado em outro trabalho (SOUZA; COSTA, 2015)

Dentre os resultados obtidos ressalta-se o quanto a escolaridade afetou diretamente a compreensão das mulheres sobre a importância do exame citopatológico, demonstrando haver um maior entendimento pelas mulheres com ensino médio completo quando comparado àquelas com menor nível de escolaridade. No entanto, mesmo as

mulheres com um grau de escolaridade elevado, quando questionado a respeito da importância do exame, ficou evidente a baixa compreensão sobre o assunto, corroborando assim o fato do analfabetismo funcional ser a realidade aproximadamente 27% da população brasileira com idade entre 15 e 64 anos (INAF, 2016). Devido a associação direta entre o grau de escolaridade e educação em saúde, esperava-se um índice maior de compreensão sobre a importância da realização e repetição do exame nas mulheres que possuíam nível superior (completo e incompleto), tal como obtido pelo estudo Silva et al. (2018), porém este achado foi pouco expressivo na população estudada possivelmente pelo fato de poucas mulheres pesquisadas possuírem o ensino superior (SILVA et al., 2018).

Esses dados demonstram a carência da educação em saúde, ainda que todas as mulheres sejam cadastradas e acompanhadas pela ESF atuante na UBS. Sendo assim, fica evidente a falta de valorização do autocuidado e o descaso com a própria saúde por parte das entrevistadas, corroborando a ideia da necessidade de ampliação de campanhas que objetivam envolver as mulheres a aumentar a adesão ao exame citopatológico do colo do útero, bem como criar canais de comunicação e espaços para que elas tirem suas dúvidas e exponham seus medos e angústias. Para isso, é necessário que os profissionais de saúde utilizem estratégias que facilitem a compreensão e a comunicação mais assertiva desmistificando os preconceitos acerca do exame como exposto por Dias et al. (2021), principalmente com as mulheres de menor escolaridade, envolvendo todas as faixas etárias preconizadas pelo MS para realização do exame citopatológico do colo do útero.

5 CONCLUSÃO

Os motivos da não adesão e/ou não repetição do exame citopatológico do colo do útero pelas mulheres entrevistadas foram multifatoriais, destacando o déficit de conhecimento sobre o exame e sua importância, além da desvalorização do autocuidado. Ainda notou-se que estes motivos se correlacionaram diretamente com a escolaridade das mulheres entrevistadas e independe da sua faixa etária.

Além disso, a pandemia pela COVID-19 não foi fator crucial de impedimento de realização do exame, elucidando que os fatores pessoais representam a base do problema de adesão ao exame e que este não é um fator pontual, assim; há necessidade de trabalho contínuo pela equipe que atua na atenção primária a saúde.

A partir dos achados, fica evidente a necessidade de se realizar mais estudos a fim de entender não somente os motivos que levam a esse déficit de conhecimento e

comprometimento pelas mulheres, como também a forma que a ESF pode atrair essa população para a UBS, estimulando o cuidado compartilhado para se melhorar a saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

BOSCH, F. X. et al. The causal relation between human papillomavirus and cervical cancer. 2002. *J Clin Pathol*, v. 55, n.4, p. 244-265, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.436, de 21 setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 22 Set 2017. p. 68. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Maria Beatriz Kneipp Dias; Caroline Madalena Ribeiro. Parâmetros técnicos para o rastreamento do câncer do colo do útero. Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//parametros_tecnicos_colo_do_uterio_2019.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. 2. ed., Rio de Janeiro: INCA, 2016. Disponível em: <http://www.citologiaclinica.org.br/site/pdf/documentos/diretrizes-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-uterio_2016.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. 2. ed., Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_canceres_colo_uterio_2013.pdf>. Acesso em: 29 de outubro de 2020. CARDOSO, B. C. DA R. et al. Principais dificuldades para a realização do exame papanicolau em mulheres atendidas em uma unidade básica de saúde no bairro Jaderlândia, Ananindeua, estado do Pará. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 3, p. 16007–16022, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8256/7101>> Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

DIAS, T. F. et al. Fatores socioculturais que podem interferir na realização do exame citológico / Sociocultural factors that can interfere with the performance of the cytological examination. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 8, p. 75861–75874, 2 ago. 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/33749/pdf>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. Pesquisa nacional de saúde 2013: ciclos de vida. Brasil e grandes regiões. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, IBGE, 2015 Disponível em:

< <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

INCA. Conceito e Magnitude. 2020. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/controlado-cancerdo-colo-do-utero/conceito-e-magnitude>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MALTA, D. C.; SILVA JR, J. B. O plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil e a definição das metas globais para o enfrentamento dessas doenças até 2025: uma revisão. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 22, n. 1, p. 151-164, 2013.

Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000100016>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE SÃO PAULO - SES-SP. Tabnet. Razão de exames citopatológicos de colo de útero em mulheres de 25 a 64 anos. Disponível em: <http://tabnet.saude.sp.gov.br/tabcgi.exe?tabnet/ind11_pacto17.def>. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, J. P. et al. Exame papanicolau: fatores que influenciam a não realização do exame em mulheres de 40 a 65 anos. Arch. Health Sci.. São José do Rio Preto, v. 25, n. 2, p. 15-19, 2018. Disponível em: <<https://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/933>> Acesso em: 10 de setembro de 2020.

SILVA, L. S. R. et al. Adesão ao exame papanicolau por mulheres jovens em unidade básica de saúde. Rev. enferm. UFPE on line. Recife, v. 10, n. 12, p. 4637-4645, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. International Agency for Research on Cancer. Globocan. 2018. Disponível em: <<https://gco.iarc.fr/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. National cancer control programmes: policies and managerial guidelines. 2.ed. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/42494>>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, R. G. do et al. Falta de periodicidade na realização do exame citopatológico do colo uterino: motivações das mulheres. Revis min enferm, Divinópolis, MG, v. 18, n. 3, p. 557-564, 2014. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n3a04.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

NAKAGAWA, J. T. T. et al. Vírus HPV e câncer de colo de útero. Revis. bras. enferm., Brasília, v. 63, n. 2, p. 307-311, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/b7Xh54fHGTFGWtwqkXxcBmy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

OLIVEIRA, M. M. H. N. de et al. Cobertura e fatores associados à não realização do exame preventivo de Papanicolaou em São Luís, Maranhão. Rev Bras Epidemiol, São

Luís, MA, v. 9, n. 3, p. 325-334, 2006. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/8SrGpjBYFTXKJvYfHMnwPDx/?lang=pt&format=pdf>
>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

DAVIM, R. M. B. et al. Conhecimento de mulheres de uma Unidade Básica de Saúde da cidade de Natal/RN sobre o exame de Papanicolau. Rev Esc Enferm USP, v. 39, n. 3, p. 296-302, 2005. Acesso em: <
<https://www.scielo.br/j/reensp/a/kCNVpqyzj5cnGvxFNKYqpXG/?lang=pt&format=pdf>
>. Disponível em 20 de outubro de 2021.

SILVA, M. A. S. et al. Fatores relacionados a não adesão à realização do exame de Papanicolau. Rev Rene, Londrina, v. 16, n. 4, p. 532-539, 2015. <
<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324041519010.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021

SOUZA, A. F. de; COSTA, L. H. R. Conhecimento de Mulheres sobre HPV e Câncer do Colo do Útero após Consulta de Enfermagem. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 61, n. 4, p. 343-350, 2015. <
<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/220>>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

LAUZ, E. R. et al. Queda no número de exames citopatológicos de colo de útero realizados no Rio Grande do Sul durante a pandemia de COVID-19. Resumo simples - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/view/19060/17793>
>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

SCHRÖDER, J. D. et al. “Outubro Rosa”: A eficácia das campanhas em saúde da mulher no município de Chapecó/SC. In: I simpósio de urgência e emergência e II semana acadêmica de medicina uffs, 7-9 jun 2018, Chapecó, Santa Catarina (SC), Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: <
<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SAM/article/download/7873/5358/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.